

**Processos verbais e não-verbais na constituição
da significação na afasia: estudo de caso**

**(Processes verbal and nonverbal in
constitution of meaning in aphasia: a case study)**

Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

RESUMO

Neste estudo, investigamos, enfocando as sessões semanais do grupo II do Centro de Convivência de afásicos, os processos verbais e não-verbais de significação na afasia a partir do estudo do caso DN.

PALAVRAS-CHAVE

Afasia. Linguagem verbal. Linguagem não-verbal. Processos de significação

ABSTRACT

In this study, we investigate, focusing the weekly sessions of group II of the Centro de Convivência de Afásicos, the oral pleadings and non-verbal of significação in the aphasia from the study of case DN.

KEYWORDS

Aphasia. Verbal language. Nonverbal language. Signification process.

* Sobre a autora ver página 39.

1 Introdução

A Neurolinguística, área que se constitui na fronteira entre as neurociências e a linguística, é um dos ramos mais recentes da linguística e por isso tanto as definições quanto as descrições dessa área estão dispersas nas literaturas produzidas nessas ciências, o que mostra que as fronteiras que delimitam seu objeto não são algo sólido.

Os estudos neurolinguísticos levam em conta os processos de avaliação e diagnósticos das patologias de linguagem (como, por exemplo, a afasia que é uma perturbação da linguagem em que ocorrem alterações de mecanismo linguístico em todos os níveis, tanto em seu aspecto produtivo, quanto interpretativo, em decorrência de lesão adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismo crânio-encefálico ou tumores), os processos alternativos de significação (verbal e não-verbal) de que se valem os sujeitos afetados por patologias cerebrais, cognitivas ou sensoriais, dentre outras perspectivas de pesquisa em Neurolinguística.

Neste trabalho, a partir do caso **DN**, que se apresenta afásica após um AVC Isquêmico, refletimos, a partir da Neurolinguística, sobre os processos de significação verbal e não-verbal e o controle do sentido de que esse sujeito lança mão para interagir, comunicar e significar, nas sessões do grupo II do Centro de Convivência de Afásicos.

2 Materiais e método

O material empírico da pesquisa foi construído a partir das sessões gravadas em VHS do grupo II, entre 2002 e 2004, em um acompanhamento longitudinal. Observamos a inserção e as situações comunicativas em que **DN** estava presente. **DN** é uma senhora que em 03/2001, aos 51 anos, casada, não alfabetizada, do lar, protestante, sofreu um AVC isquêmico na artéria cerebral média (ACM) esquerda, ficando sem falar e andar, recuperando, a hemiparesia de membro inferior direito e persistindo a hemiparesia, a seqüela mais importante

é a que está relacionada à expressividade verbal. Segundo o relato do marido, em casa, **DN** fala apenas o nome de uma filha – “Quel” – e a palavra “não”.

Neste trabalho, selecionamos as sessões de 09/09/2002, 11/11/2002, 25/11/2002, 23/06/2003, 30/06/2003, 16/03/2004, 27/04/2004.

Para a apreciação desse material empírico, valemo-nos do trabalho de transcrição das fitas, a partir de um quadro contendo: sigla do interlocutor, transcrição, observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais, observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais o que foi importante para as possíveis leituras de indícios que se constituíram em dados para a análise do caso. Olhando para os dados, levamos em consideração o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), modelo epistemológico pautado no singular, no episódico, no detalhe, que guarda relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico.

3 O não-verbal e o verbal em foco

A comunicação não-verbal pode ser estudada enquanto linguagem, observando-se os elementos e a estrutura a partir de leis empíricas e relações de causa-efeito e a partir da preocupação com regras (ou seja, convenções culturais implícitas) que governam o comportamento verbal e não-verbal em diferentes situações. Os sinais não-verbais usados pelo homem exercem diferentes papéis na interação social nas diferentes sociedades. Pode-se verificar a aparência pessoal estão sob controle voluntário – roupa, cabelo, pele. Muito tempo, dinheiro e esforço estão relacionados ao controle da aparência, e isso pode ser observado como um tipo especial de comunicação não-verbal. O principal propósito de manipular a aparência parece ser a preservação do “self”, ou seja, enviar mensagem a respeito de si próprio. Dessa forma, as pessoas enviam mensagens sobre seu *status* social, sua ocupação, ou sobre a que grupo

social pertencem ao vestir determinada roupa – Por exemplo: gerente de banco não se veste igual a um hippie. A aparência também transmite informações sobre personalidade e humor.

No que tange à postura, aos sinais com a cabeça e à expressão facial e ao olhar, os estudos mostram, dentre outros indícios que (i) há posturas apropriadas para determinados ambientes: igreja, festas etc, que a postura pode ser sinal de *status* e varia com o estado emocional, especialmente em companhia da dimensão tenso-relaxado; (ii) que há uma conexão importante entre os sinais com a cabeça e a fala, e que, geralmente, esses sinais são usados para reforçar a interação; (iii) que a expressão facial também está relacionada com a fala: o ouvinte fornece um comentário contínuo de suas reações do que está sendo dito por pequenos movimentos das sobrancelhas e dos lábios, indicando expressão enigmática, surpresa, discordância, agradecimento, etc (iv) que as pessoas olham enquanto falam e enquanto ouvem; (v) que jogos de olhar têm um importante papel nas atitudes e estabelecimento de relações interpessoais; (vi) que as pessoas olham mais enquanto o outro está distante, demonstrando que olhar e proximidade podem ser substituídos um pelo outro como sinal de intimidade; (vii) que o olhar pode ser acompanhado de diferentes expressões faciais e pode sinalizar agressão, repreensão, aprovação, atração sexual, etc e (viii) que o olhar está relacionado com a comunicação verbal.

Em relação aos gestos, diversos estudos apontam que: (i) as mãos são capazes de comunicar e que são mais expressivas que movimentos da cabeça, dos pés ou de outras partes do corpo; (ii) que os gestos são também próximos da fala e são usados para ilustrar o que o falante está dizendo, principalmente quando o seu poder verbal falha; (iii) que movimento de mãos e cabeça podem ser utilizados para indicar a estrutura interna das elocuições e para indicar sincronismo nas elocuições; (iv) que os gestos de funcionamento dêitico, como o apontar com o dedo para indicar objetos, pessoas ou lugares que estão e também que não estão imediatamente presentes podem, também, substituir a fala.

Em relação aos aspectos verbais não-segmentais da fala, os sinais prosódicos, como tons-padrão, acentos e pausa, produzem efeitos no sentido da sentença, por isso são tomados como partes da elocução verbal. Esses sinais também chamados de paralinguísticos são semelhantes a outras expressões de atitude e emoção.

Ainda segundo o autor, os elementos não-verbais que incluem expressões e gestos com o corpo (rosto, mãos, olhos, pés) têm funções variadas, são usados para governar a situação social imediata, para servir de suporte na comunicação verbal e para substituir a comunicação verbal.

Com relação às atitudes interpessoais que são atitudes voltadas para o outro, pode-se afirmar que há dimensões como inferior ou superior, gostar/não gostar. A atitude de superioridade pode ser conduzida por (a) postura – corpo ereto, cabeça erguida; (b) expressão facial – sem sorriso, “arrogante”; (c) tom de voz – forte, ressoante, “dominante”; (d) aparência - roupa indicando *status* elevado; (e) olhar –fitando o outro para baixo.

O estado emocional pode ser distinguido das atitudes interpessoais, uma vez que as emoções não são direcionadas para outros presentes, mas são estados de um indivíduo. As emoções comuns são: raiva, depressão, ansiedade, alegria, etc. O estado de ansiedade pode ser mostrado por (a) tom de voz; (b) expressão facial; (c) postura tensa e rígida; (d) gestos; (e) cheiro da transpiração; (f) contemplação – aversão à contemplação. As pessoas podem tentar omitir seu verdadeiro estado emocional, ou direcionar os seus interlocutores para um outro estado emocional, mas é difícil controlar todos esses casos. O estado emocional pode ser conduzido pela fala (“Eu me sinto muito feliz”) – mas provavelmente essas proposições não serão confiáveis sem o suporte dos sinais não-verbais apropriados, e os sinais não-verbais podem conduzir interações sem o verbal.

Assim, a fala tem um papel central em quase todo o comportamento social, mas é relevante considerar a importância do papel do não-verbal nos eventos comunicativos, pois não podemos compreender as relações sociais dos sujeitos se não considerarmos que as mesmas se instauram

pela produção de signos verbais e não verbais; que, ao produzirem signos verbais e não verbais e sentidos nas relações com os outros, os sujeitos são profundamente afetados pelo que produzem, assim como pelos próprios modos de produção. Isso significa que, nas situações e eventos de comunicação, o corpo é significado e significa na relação com o(s) outro(s).

A pausa, dentre uma série de estratégias conversacionais, é um elemento que ocorre com muita frequência e que, segundo Brito (1994), constitui um tipo de marcador conversacional fundamental na organização do diálogo.

As pausas podem ser classificadas como não preenchidas com material sonoro e preenchidas com material sonoro, vogal nasal ou oral alongada ou por ressonância nasal e prolongamento da palavra anterior. Segundo Abercrombie (1967), as pausas, quer sejam hesitações, quer sejam paradas deliberadas para a tomada da respiração, são idiossincráticas e variam de falante para falante. Cagliari (1992) destaca a função aerodinâmica da pausa, na medida em que sua presença na fala pode coincidir com a respiração. Para ele, a pausa teria a função de segmentação da fala, podendo, assim, ocorrer depois de frases, sintagmas, palavras e até sílabas, quando se silaba uma palavra.

Cruttenden (1986) afirma que a explicação dada pelo senso comum para as pausas não preenchidas como as que permitem ao falante respirar durante a fala é ingênua, uma vez que, além de sermos, algumas vezes, forçados a fazer pausas para respirar, fazemos pausa por outras razões e não perdemos a oportunidade de respirar. Essa autora salienta que nem sempre as fronteiras de grupos entonacionais são marcadas por pausa e que as pausas nem sempre marcam tais fronteiras, pois podem ser tomadas como fenômenos de hesitação. Para ela, há três lugares em que a pausa pode ocorrer no enunciado: (a) em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre sujeitos e predicados; (b) antes de palavras de conteúdo lexical forte dentro de sintagma nominal, de sintagma verbal, de sintagma adverbial e (c) depois da primeira palavra de um grupo entonacional. Para ela, as pausas classificadas

em (a) geralmente indicam uma fronteira de grupo entonacional e as classificadas em (b) e (c) são tomadas como fenômenos de hesitação, ocorrendo como mecanismo de operação que o falante dispõe para encontrar uma palavra ou para planejar e reorganizar uma sentença.

Segundo Butterworth (1980), as pausas podem servir não apenas para criar um tempo disponível para o processo cognitivo do falante, mas também para ajudar o ouvinte na sua tarefa de compreender o falante.

Na perspectiva discursiva, Fonseca-Silva (2002) defende que as pausas são formas materiais da língua que funcionam como sítios de significância por meio dos quais os sujeitos repetem, deslocam-se e rompem limites, pela possibilidade mesma de o sentido poder ser outro. Nessa perspectiva, segundo essa autora, pensar em pausas é pensar em marcas de silêncio como acontecimento fundamental de significação; é pensar a pausa como um dos lugares em que há manifestação da contradição e de identificação e/ou contra-identificação dos sujeitos.

Ao propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, interessada nas pausas que ocorrem nesse tipo de patologia, Oliveira (2003) busca, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para os problemas verbais destes sujeitos.

A referida pesquisadora ressalta que a mudança metodológica realizada em seu estudo possibilitou observar a linguagem em seu funcionamento, bem como compreender um pouco mais o papel das pausas no processo de construção e reconstrução da linguagem desses sujeitos.

Durante a análise e discussão dos dados, Oliveira (2003) levanta a hipótese de que a mudança nas características das pausas não só podia estar relacionada ao aumento de dificuldades motoras e cognitivas que os sujeitos da pesquisa vivenciaram com o decorrer do tempo, como também podia indiciar que essa progressão da doença de Parkinson vinha se dando de modo particular a cada um de seus sujeitos.

Oliveira selecionou e recortou somente as pausas em início de turno e comparou sua ocorrência na primeira e na segunda gravação.

Nesta comparação, observou: (i) a frequência de pausas e turnos conversacionais; (ii) a presença de pausa em turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; (iii) tipo de pausa em termos de duração que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos; e (iv) características de preenchimento acústico de pausas que antecederam turnos desenvolvidos e não desenvolvidos.

Após comparação, essa pesquisadora verificou que o intervalo de tempo de um ano e oito meses foi significativo para observar mudanças na ocorrência das pausas, e em suas características de duração e preenchimento. Quanto à ocorrência, ela observou uma tendência à diminuição; no que se refere à duração, conferiu que os sujeitos passaram a utilizar menos pausas breves e mais pausas médias e longas em sua atividade verbal; e, quanto ao seu aspecto de preenchimento, os sujeitos diminuíram o uso de pausas silenciosas e aumentaram o uso de pausas preenchidas e mistas.

Assim, além dos aspectos motores envolvidos na mudança das características de duração e de preenchimento das pausas, aspectos como os de ordem conversacional, cognitiva e enunciativa atuaram de modo integrado no funcionamento das pausas iniciais dos parkinsonianos. Oliveira (2003) verificou também que o aumento de pausas médias e longas que facilitariam a tomada de turno pelo interlocutor se associou a uma mudança nas características de preenchimento, o que, segundo a pesquisadora, possibilitou aos sujeitos o controle e sustentação do turno, bem como mais tempo para o planejamento de sua atividade linguística.

Marcuschi (1999) considera que a hesitação, embora típica da fala, não é irrelevante como fenômeno linguístico. Segundo esse autor, a hesitação é parte da competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral e não uma disfunção do falante. A hesitação desempenha papéis importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. É uma atividade textual-discursiva que atua no plano da formulação textual. Defende a tese de que a hesitação não se acha aleatoriamente distribuída, mas obedece a alguns princípios gerais de distribuição e serve como indicação de organização sintagmática da língua.

A característica básica da hesitação seria, de acordo com esse autor, o fato de constituir evidentes rupturas da fala, na linearidade material, em pontos não previstos por fatores sintáticos ou prosódicos, mas que também não são aleatórios. Dessa forma, a hesitação pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, uma vez que a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente. Assim, se, por um lado, fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que dizem respeito a níveis de observação diversos, por outro lado, a hesitação só é detectável na sucessão das atividades comunicativas e se caracteriza como a presença de atividades na superfície linguística. Por conseguinte, Marcuschi (1999) aponta algumas outras características da hesitação: (a) Há uma relação entre a hesitação com o *status* informacional dos elementos linguísticos em cujos contextos ou fronteiras ela ocorre; (b) a hesitação tem um papel pragmático considerável e não passa despercebida pelos falantes; (c) trata-se de um fenômeno de processamento, ou seja, a hesitação não é uma propriedade do falante como tal, nem da língua em si.

Marcuschi (1999) apresenta as seguintes marcas empíricas da manifestação das hesitações: (a) fenômenos prosódicos: pausas, geralmente prolongadas e alongamentos vocálicos; (b) expressões hesitativas: “éh”, “ah”, “ahn”, “mm” (que são consideradas a matéria-prima das pausas preenchidas); (c) itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação; (d) itens lexicais – substantivos, advérbios, adjetivos, verbos; (e) fragmentos lexicais – palavras iniciadas e não concluídas. Não obstante, o autor afirma que essa classificação tem vários problemas. Por exemplo, alguns aspectos parecem casos de busca (caso do alongamento e dos fragmentos) e outros seriam estratégias (caso dos marcadores) e alguns podem ser problemas de seleção (caso dos itens formais e lexicais).

Ainda em Marcuschi (1999), encontramos a seguinte classificação para as hesitações: 1. pausas não preenchidas: silêncios prolongados que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe e pelo fluxo da fala; 2. pausas preenchidas: ocorrência de marcadores de

hesitação do tipo “éh”, “ah”, “ahn”, “mm”; alongamentos vocálicos com características hesitativas e marcadores conversacionais acumulados; 3. gaguejamento: repetições de unidades inferiores a um item lexical e pedaços de palavras iniciadas; 4. repetições hesitativas: as repetições julgadas não significativas semanticamente, geralmente repetição de itens formais; 5. falsos inícios: todos os inícios de unidades sintáticas oracionais, que são iniciados com algum problema e refeitos ou retomados.

Qual seria o papel (ou quais seriam os papéis) da hesitação? Ainda conforme Marcuschi (1999), o papel da hesitação é muito mais o de sugerir os sintomas de um processamento em curso do que o de propor alternativas de formulação textual-dicursiva. O autor afirma que há uma relação entre hesitação e tópico, conhecimento de mundo, capacidade de codificação e conhecimento linguístico. Esse linguista apresenta três papéis das hesitações: (a) papéis formais: indicação de orientação/reorientação de seleções sintagmáticas e atividade de busca/confirmação de seleções lexicais; (b) papéis cognitivos: sinalização de saturação de tópico, sinalização de atividades de compreensão, indicação de organização tópica, indicação de atividade de planejamento; (c) papéis interacionais: sinalização de manutenção de turno, sinalização de finalização de turno, sinalização de atenuação de afirmações, e, em alguns casos, o fato de a hesitação operar como (d) sinalizador de superioridade, segurança e tranquilidade.

Apesar de não comprometer a gramaticalidade dos enunciados, a hesitação, segundo Marcuschi (1999), ao contrário de outras características da fala, tais como a repetição, a paráfrase, a correção, não tem funções sistemáticas no plano da formulação textual. Entretanto, a hesitação não é vista como uma simples disfunção da fala, uma vez que tem o papel de sugerir os sintomas de um processamento em curso.

Outro aspecto importante para nós é o silêncio, pensá-lo é pensar que, na história da humanidade, o silêncio tem diferentes funções, usos e estratégias. Podemos mesmo pensar que momentos de silêncio alternam-se com o ato de falar, tecendo uma intrincada rede de significações, desde

o surgimento dos primeiros homens e sua consequente necessidade de formação social. O silêncio tem sido, pois, objeto de estudo de vários pesquisadores.

O caso Quaker, como exemplo, é considerado, por Bauman (1974), como interesse da etnografia da fala por duas razões: a **primeira** diz respeito à necessidade de estudo etnográfico do uso da linguagem, concebendo o silêncio em condição de igualdade com a fala; a **segunda** refere-se ao fato de existirem sociedades em que a fala pode verdadeiramente ser dita como constitutiva de um foco cultural, mas negativamente avaliado. Os Quakers, entre os quais a fala é altamente avaliada e o silêncio impressiona positivamente, são colocados aqui em contraste com outros grupos que chamaram a atenção dos etnógrafos da fala.

Burke (1995) afirma que o sistema de silêncio no início da Europa moderna era sustentado por dois princípios: (i) o religioso e (ii) o princípio de respeito. O primeiro princípio estaria voltado para o silêncio como um dos elementos mais sagrados em todas as religiões, uma vez que podemos distinguir uma variedade de silêncio religioso, tais como: pessoal e comunal, pagão e cristão, “silêncio eleito” dos monges, silêncio na igreja e oração silenciosa ou “mental”. Para Burke (1995), o silêncio religioso é um misto de respeito por uma divindade, uma técnica para abrir o ouvido interior, como no caso Quaker.

O segundo princípio estaria baseado na relação de poder. Segundo Burke (1995), no início da Europa moderna, as mulheres, as crianças e os jovens deviam se manter em silêncio. As mulheres falavam com as mulheres ou respondiam para seus maridos, e as crianças falavam com as crianças, ou respondiam para os adultos. Nas refeições formais, talvez como sinal de respeito pelo anfitrião, o príncipe mantinha-se em silêncio na frente dos cortesões. Homens e adultos mantinham-se especialmente quietos na presença de estranhos, em especial quando questionados acerca dos negócios de sua comunidade. A prudência, assim como a lealdade, impunha o silêncio

Burke (1995) defende que o significado do silêncio varia, assim como o de outras formas de comunicação, de acordo com a ocasião em

que o silêncio ocorre, de acordo com a pessoa que está em silêncio e também de acordo com o público. O momento e o lugar também são importantes: o “silêncio localista” dos templos, bibliotecas e hospitais, é um exemplo.

Os estudos de Bauman (1971) e de Burke (1995) indicam tanto que nas sociedades as pessoas inseridas nas diversas comunidades não falam o tempo todo, quanto que o silêncio tem diversos sentidos nas sociedades.

Orlandi (1995), ao apresentar os sentidos do silêncio, afirma que o importante é compreender as seguintes características: 1. há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido, e as próprias palavras transpiram silêncio, alertando que há silêncio nas palavras, uma vez que são atravessadas de silêncio, produzem silêncio e silenciam; 2. o estudo do silenciamento, que não é o silêncio, mas “pôr em silêncio”.

Segundo a autora, a primeira característica “livra o silêncio do sentido ‘passivo’ e ‘negativo’ que lhe foi atribuído nas formas sociais da nossa cultura” (ORLANDI, 1995, p. 12); e a segunda característica “liga o não-dizer à história e à ideologia” (ORLANDI, 1995, p. 12).

A autora afirma que esse processo de produção do sentido silenciado é distinto do que se tem estudado sob a rubrica do implícito. Isso porque a significação implícita “aparece como sobreposta a uma outra significação”. Ela defende que o sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio. Dessa forma, o silêncio, relegado a uma posição secundária, como “resto” da linguagem, é um fator essencial como condição do significar.

Quando nos aprofundamos no modo de significar do silêncio, segundo Orlandi (1995), nem um sujeito é tão visível, nem um sentido é tão certo. Há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Esta dimensão, segundo a autora, leva-nos a apreciar a errância dos sentidos, o desejo da unidade ou do sentido fixo, “o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do

fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo do seu funcionamento” (ORLANDI, 1995, p. 12).

A autora não pensa o silêncio simplesmente como o ato de não falar, por impedimento ou não e, muito menos, como o que está implícito, que aparece nas entrelinhas, mas sob outro olhar, o discursivo, aquele que compreende, no silêncio, o discurso não pronunciado. Defende que a idéia da falta, da falha, da incompletude do sentido e do sujeito é condição para a pluralidade do sentido e do próprio sujeito e que quanto mais silêncio se instala, mais possibilidade de sentidos se apresenta.

Se, como vimos até aqui, *(i)* a interação comunicativa entre indivíduos está ligada e determinada por constituintes linguísticos e por circunstâncias sociais, culturais e psicológicas; *(ii)* a cultura modera o comportamento do corpo, que também funciona como instrumento expressivo de comunicação não-verbal; *(iii)* o silêncio nos remete ao caráter de incompletude da linguagem já que em todo dizer há uma relação com o não-dizer; e *(iv)* a pausa e as hesitações são fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo, a pergunta que colocamos, neste trabalho, é: *como pensar o verbal, o não verbal, o silêncio, as pausas e hesitações nas situações comunicativas, quando há comprometimento da linguagem por um problema de saúde ou fatalidade da vida, como a afasia (que também pode vir associada a modificações em outros processos cognitivos - percepção, atenção, memória, praxia/corpo - além de apresentar sinais neurológicos – hemiparesia, hemiplegia)?* Tentaremos enfrentar essa questão no próximo item deste trabalho

Resultado e discussão

Identifica-se em **DN** uma falta de iniciativa verbal que não necessariamente está relacionada à afasia, dado que sua religião impede que ela se insira em várias práticas sociais. Baseados na classificação de Luria, pensamos a afasia de **DN** como da ordem da desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas nos gestos

articulatórios, associada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda, ou seja, a afasia motora eferente descrita por Luria.

Em 09/09/2002, **DN** foi apresentada ao grupo. Ela, apesar das limitações que impossibilitam uma expressão *fluente*, a partir dos gestos, consegue interagir na interlocução. **DN** negocia o sentido e sustenta a interlocução utilizando a percepção e os gestos. **DN** balança a cabeça (afirmando ou negando), estala os dedos, alisa a cabeça demonstrando aflição. Na vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, ela sabe que as regras culturais estabelecem que a resposta à pergunta deva vir à tona, uma que vez essas regras de convivência organizam socialmente o comportamento dos presentes na situação. Apesar do comprometimento do verbal, às vezes, hesitando ela consegue falar “Não”, “Ele tá lá ob”, “Eh:: não lá”, “Há nã-o:: eh eh”. A hesitação não é vista como uma simples disfunção da fala, mas tem o papel de organizar o dizer e pode indicar um processamento em curso. Os gestos, por sua vez, propiciam estados de conversas, no lugar do ou acompanhando o verbal, o que mantém as situações comunicativas em funcionamento.

Considerando a afasia de **DN**, as perguntas são elaboradas, no evento comunicativo diálogo, sempre direcionando para uma resposta categórica *sim*, ou *não*. Os investigadores ajudam-na e o *Não* ou *Sim* não ficam só como uma sentença isolada, em meio a uma escolha binária (*sim/não*), mas alcançam um sentido relevante por ocorrer dentro de um ambiente que foi construído pelo trabalho prévio dos interlocutores. Verificamos que onde há pausas, há a atuação de modo integrado de gestos, hesitações ou mesmo a verbalização de “sim” e “não”, ultrapassando a condição inicial descrita pela família: “Ele tá lá ob”, “Eh não lá”.

Assim, o verbal, o não verbal, a pausa, as hesitações estão presentes nas situações comunicativas enquanto processo de significação o que mostra que *há linguagem e sujeito na afasia* (COUDRY, 2000). Dramatizando cenas possíveis na vida cotidiana, como a cena em que **DN** vende coxinha na praia, verifica-se que, inicialmente, ela *repete* o que a investigadora propõe: “coxinha fresquinha”, mas, em seguida, atua como vendedora

de coxinha, andando pela sala oferecendo “coxinha fresquinha” aos demais participantes da situação, estabelecendo a significação de seus enunciados através do trânsito entre a linguagem verbal e o gesto.

Na sessão de 23/06/2003, o grupo comemora a festa junina. Nesse dia, os participantes, além de lancharem comida típica, brincaram de falar palavras que fazem parte do *frame* “festa junina” sem repeti-las. **DN** ficou em silêncio todas as vezes que era para falar uma palavra. Seu silêncio foi respeitado. Lembramos aqui que sua religião não permite esse tipo de comemoração. Seu silêncio, aqui, de fato é silêncio e não pausa e faz parte da sua integração em outra comunidade. O silêncio aqui é entendido como um tipo particular de interação e como veiculador de sentidos. Como já postulado, o silêncio significa, ele é significado e interpretado. O silêncio, então, não é ausência de interação, não é refúgio voluntário e idiossincrático em meio à batalha verbal e ao domínio da fala; não é falta ou excrescência se comparado à linguagem. Antes, se o silêncio faz parte da construção do sentido (da interação, da comunicação), é também ato de linguagem, ato de significação. Podemos afirmar que onde há linguagem, há também silêncio, ou seja, o silêncio faz parte e está na ordem da linguagem.

Os demais participantes se divertiram com a brincadeira e organizaram uma quadrilha. **SL**, sujeito de quem falaremos adiante, faz trocadilho “organizar uma quadrilha para assaltar um banco”. Todos dão risadas e **DN** permanece afastada e quieta (como se estivesse falando: Não tenho nada a dizer). No segundo momento da sessão, há uma apresentação de palhaço, *Clown*, e, a partir daí, como os demais participantes, **DN** vibra e participa sem constrangimento. Há, nesse caso, a quebra de tabu religioso que é rompido pela arte e pela alegria do palhaço.

Na sessão de 30/06/2003, como se vê abaixo, aconteceram duas oficinas: uma de culinária (ministrada por duas afásicas, **IC** e **DN**) e uma de poesias (ministrada pelo afásico **SL**). **DN** não domina a leitura, mas no que se refere ao seu letramento, ou seja, às práticas sociais da leitura e escrita que participam de seu cotidiano, percebemos que ela

consegue acompanhar a receita e orientar o preparo de uma lasanha, o que ocorreu na sessão de 02/06/2003. Nesse dia, **DN** leva seu livro de receitas, lê, com auxílio de **Imc**, não-afásica, os ingredientes de algumas receitas e coordena o grupo de alunas da Graduação e Pós-graduação no preparo da lasanha, orientando, com a mão, o grupo na montagem das camadas do prato. Verificamos assim a função comunicativa dos gestos por ela utilizados e sua interpretação pelo grupo.

Em relação à dinâmica de funcionamento do CCA, onde as práticas com a linguagem envolvem também a linguagem não verbal, observamos que os gestos e ações corporais ocorrem junto ao verbal, complementando ou especificando o sentido em questão, além de transmitirem sentimentos. Sabemos que os gestos desempenham várias funções: podem substituir a fala, regular o fluxo e o ritmo da interação, manter a atenção dando ênfase aos tópicos e contribuir para caracterizar e memorizar o conteúdo do que é dito. Como abordado anteriormente, diversos aspectos não verbais (expressões faciais, gestos, hesitações e silêncios) estão presentes no processo de comunicação e são carregados de significações. Portanto, a expressão corporal (que envolve vários gestos com o corpo) se integra ao verbal. Observando **DN** nas situações comunicativas e a influência da auto-imagem nesse processo de comunicação, podemos afirmar que a aceitação do seu repertório comunicativo pelo grupo a inclui na situação comunicativa, ou seja, ela não é excluída (por falar menos; por gesticular mais que outros); ao contrário, os demais participantes acolhem seu repertório.

4 Considerações finais

A relação entre linguagem verbal e não-verbal em **DN** não foi afetada e, apesar do comprometimento da linguagem verbal, podemos verificar os processos de significação verbal e não-verbal e a sua circulação na afasia por meio do estudo desse caso. Assim, os sinais com a cabeça (afirmando e negando), os gestos de apontar com o dedo, sinais não-verbais, ajudam a conduzir a comunicação sem a fala, estabelecendo

um papel importante, porque se inserem no lugar da linguagem verbal e mantém a interação. Como já afirmado em Sampaio (2006), a confluência entre os sistemas verbais e não verbais é possibilitada pelas práticas significativas - interativas - que os participantes do grupo II do CCA produzem juntos, de acordo com COUDRY (2002), “justamente onde pode se dar um mar de palavras, uma pá de imagens, uma cesta de gestos, uma nuvem de cheiros, uma lua de canções, etc.”, isso é o que o acompanhamento longitudinal de **DN** revela sobre os processos de significação verbal e não-verbal na afasia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERCROMBIE, D. Voice quality and voice dynamics. In: **Elements of general phonetics**. Edinburg: University, 1967. p. 89-110.
- BAUMAN, R. Speaking in the light: the role of the Quaker minister. In: BAUMAN, R.; SHERZER, J. **Explorations in the ethnography of speaking**. London: Cambridge University press, 1974. p. 144-160.
- BRITO, C. A pausa como elemento estruturador do texto conversacional. In: **Estudos Linguísticos XXIII**. Ribeirão Preto, 1994.
- BURKE, P. Anotações para uma história social do silêncio no início da Europa moderna. In: **A arte da conversação**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1985. p. 161-183.
- BUTTERWORTH, B. Evidence from pause in speech. In: **Language and production: speech and talk**. London: Academic Press, 1980. p. 155-176
- CAGLIARI, L.C. A importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org). **Gramática do português falado: níveis de análise linguística**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p. 39-64.
- COUDRY, M. I. H. **Conceitos de Afasia**: clássico é clássico e vice-versa. Aula apresentada à Banca Examinadora do Concurso de Livre-docência do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

_____. **Avaliação como prática discursiva.** Texto apresentado na III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural. Campinas, 2000.

CRUTTENDEN, A. The forms of intonation. In: _____. **Intonation.** Cambridge: University Press, 1986. p. 35-74.

FONSECA-SILVA, M. C. Pausa em textos orais espontâneos e em textos falados. **Revista linguagem em (Dis)curso.** v.3, no. 1, jul./dez.. 2002. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0301/04.htm>. Acessado em 15 de junho de 2007.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, Emblemas e Sinais.** Morfologia e História. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.143-179.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do Português Falado.** Vol. VII: Novos Estudos. São Paulo e Campinas: Humanitas e EDUNICAMP, 1999. p. 159-194.

OLIVEIRA, E. C. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos.** 2003. 178 f. [Dissertação de Mestrado em Linguística] Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. São Paulo: UNICAMP, 1995.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala.** 193 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

Recebido em 19/09/2007.

Aprovado em 24/11/2007.

SOBRE A AUTORA

Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO é doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas; professora de Lingüística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Uesb; pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (CNPq/Uesb) e Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolingüística (CNPq/Uesb). Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Neurolingüística, Lexicologia e Análise Lingüística. Atuando principalmente nos seguintes temas: lingüística, terminologia, afasia, linguagem e memória. E-mail: nirvanafs@terra.com.br